

**“Género y democracia en Brasil:
una lectura de la expansión de la extrema-derecha
y sus implicaciones,
basada en entrevistas con activistas feministas”**

Flávia Biroli

Professora Titular do Instituto de Ciência Política da
Universidade de Brasília (UnB)



UnB | IPOL

Projeto de Pesquisa “Avanços e reações às políticas feministas e de igualdade de gênero nas democracias contemporâneas”, coordenado por Flávia Biroli e Luciana Tatagiba.

Assistentes de pesquisa Débora Françolin Quintela (etapa 1) e Isabela Andrade (etapa 2).

Apoio: ONU Mulheres e recursos de editais e bolsas de pesquisa do CNPQ.



Brazil, democratization

Transition (1980s):

Opportunities for feminist movements to leverage their agendas.

Favorable international context.

Pink-tide case (2003-2016):

Quasi Transformative case

(Gustá, Madera and Caminotti, 2017)



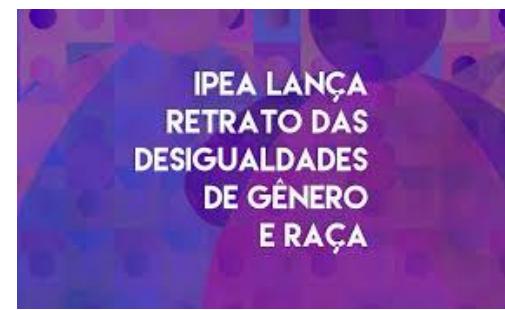
Acervo CNDM, 1985



Arquivo SOS Corpo. Marcha contra a violência a mulher no início da década de 1980.

Arquivo SOS Corpo, 1984

- ✓ Institutionalized left-wing party (PT), with a historical basis in social movements;
- ✓ Participatory arenas and channels;
- ✓ Bureaucratic capacity (National Agency of Policy for Women, coordination, multi-year planning, budget);
- ✓ Achievements in policy (and politicization),
- ✓ Feminist, LGBTQ+, and anti-racist movements increase participation, visibility, and legitimacy.



2005, 2006, 2008, 2011



2003



2004, 2007, 2011, 2016, [2025]



Marcha das margaridas, 2000, 2003, 2007, 2011, 2015, 2019, 2023

I Marcha Nacional das Mulheres Negras, 2015

“Fora Cunha” (abortion), 2015

Brazil as a case of backlash.

Opposing actors take part in transnational networks promoting divergent perspectives on gender and human rights.

Nationally, conservative actors leverage and translate frameworks and strategies as they interact with local legacies, conflicts, and structures of opportunities.



“Bolsonaro criticizes “Kit Gay” and says he wants to promote changes” Agência Brasil, 01/02/2011



“Lobby conservador retira igualdade de gênero do PNE”, RBA, 22/04/2014. Lucio Bernardo Jr./Câmara dos Deputados



Impeachment Rousseff, Agência Estado, April 15 2016



Manifestantes colocam fogo em bonecos de Judith Butler, FHC e George Soros. Toni Pires, Nov 7 2017

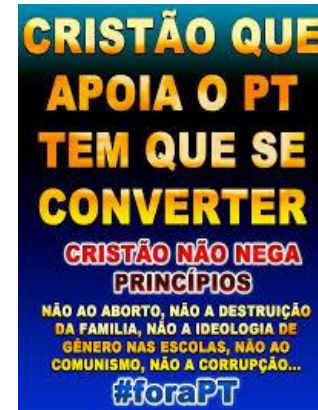
(1) Alignment anti-PT as anti-feminism

In the context of:

- ✓ Increasing polarization, perceptions of status loss and “antipetismo” (Samuels, Mello and Zucco, 2024),
- ✓ New electoral cleavages around gender and religion (2018, 2022),
- ✓ Conservative grassroots religious mobilization (Smith and Boas 2020, Mayka and Smith, 2021)
- ✓ Gender gap in conservative opinions and support for Bolsonaro (Chaguri and Amaral, 2023)



#EleNão
29/09/2018



Marcha para Jesus,
2021

Facebook,
“Preservação da
Família Tradicional”,
Oct 11 2018

Marcha para Jesus,
Gazeta do Povo, April
2024



CD, violence against women, Agência Brasil, 14/09/2016

(2) Changes in the religious landscape and the politics of religion

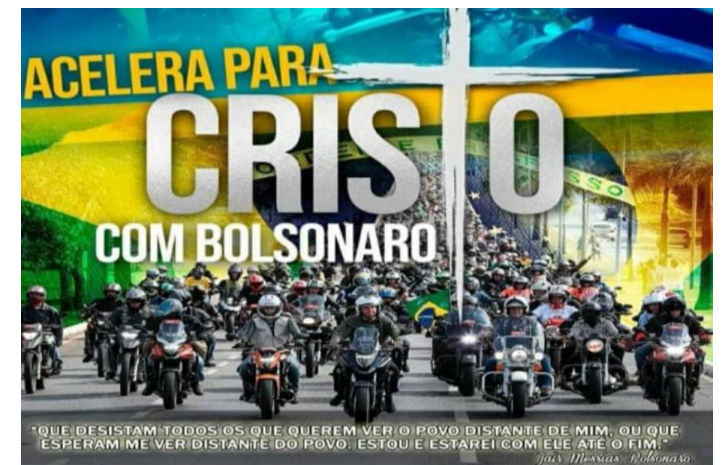
- ✓ Catholicism loses ground to Evangelical churches,
- ✓ High levels of religious commitment among Evangelicals and Catholic Renovation (“Catholic Pentecostalism”)
- ✓ Secularizing trends
- Alliances between Catholic and Evangelical politicians against “gender”,
- Far-right movements and leaders embraced the disputes on gender,
- Religious conservative leaders support them, offering narratives and resources for popular mobilization.

(Biroli, 2018; Biroli, Machado and Vaggione 2020)



Assembléia de Deus, 2024, Divulgação Prefeitura de Porto-PI, 102 anos.

Pastors blessing Bolsonaro Fórum, 05/06/2020



“Motociata Acelera para Cristo, 12/06/2021, Twitter

(3) Far-right and openly anti-feminist government (2019-2022)

Research conducted with Prof. Dr. Luciana Tatagiba (Unicamp)

Assistant Researchers Débora Quintela and Isabela Andrade

- 1) Identifying first and second-level actors in three ministries – **Women, Family, and Human Rights; Health; Education**. Trajectories, networks, and involvement in policy on abortion, violence, and gender perspectives in education).
- 2) Mapping and analyzing policy on three issues – **abortion, violence**, and sex education. Identifying strategies.
- 3) Interviews with 25 feminist activists to understand the effects of these political changes on their organizations, as well as their perspectives on the changes in Brazilian politics and the feminist field.

O *paper* discute o **duplo desafio** colocado pelas promessas não cumpridas das democracias liberais e pelo avanço de alternativas iliberais e autoritárias.

- A análise é informada por dois campos, o de movimentos sociais e participação e o das teorias políticas feministas.
- A leitura do que está em jogo na **normalidade** e na **crise** das democracias é feita a partir das vozes de lideranças feministas e antirracistas brasileiras, com base em 20 entrevistas realizadas em 2023.

As entrevistadas reforçam o enquadramento presente nos campos teóricos de referência: **a crise não é um simples desvio** em relação a um tempo dourado da democracia.

Teoria:

- democracia como processo disputado (Dagnino, 1994; Tilly, 1998) em que diferenças e desigualdades de gênero são institucionalizadas (Pateman, 1993) e normalizadas (Biroli, 2017)

- interseccionalidade (Viveros Vigoya, 2016)

A disputa assume diferentes formas, a depender de como os problemas e eixos de conflito são percebidos. Levamos em conta a posição de quem a disputa para elaborar a análise do que está em jogo na “crise das democracias”.



D. Guaraná / SOS Corpo



Câmara dos Deputados / Frente Feminista e Antirracista

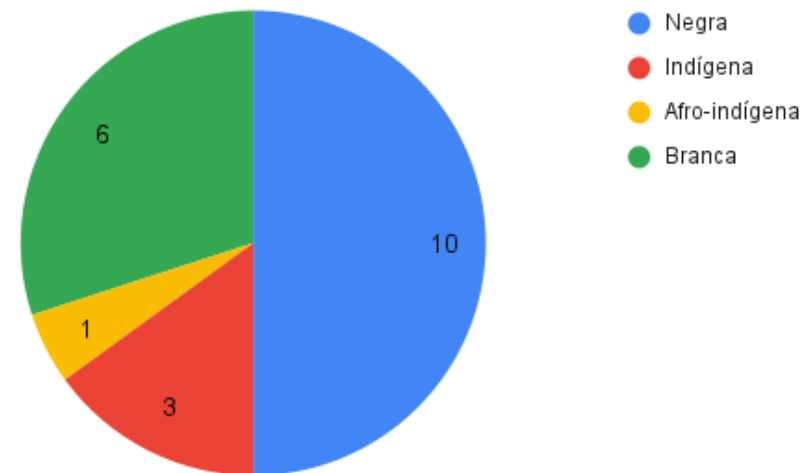
Desenho e metodologia:

Entrevistas com 20 lideranças feministas de movimentos de mulheres e mistos

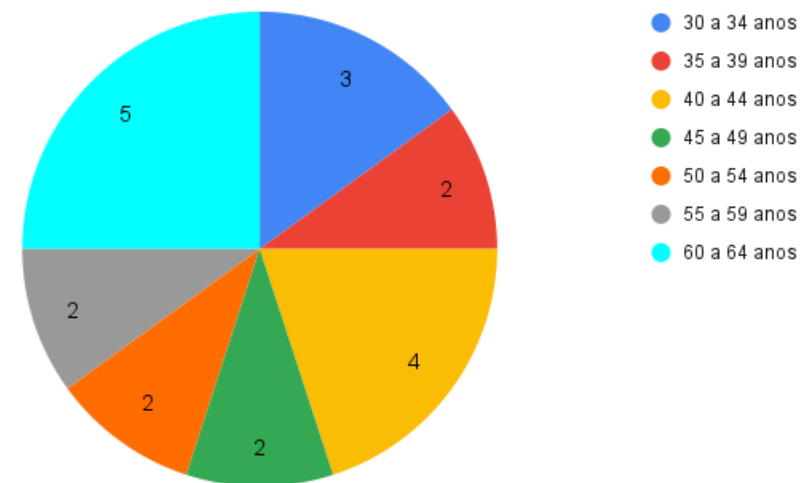
Agenda Principal



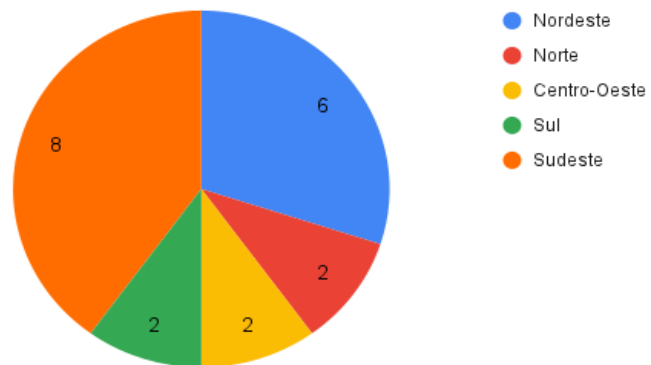
Raça/Etnia



Faixa Etária



Região de Origem



Média 1h 30 min, Google Meet, transcritas e revistas (Isabela Andrade).

Análise de conteúdo de **matriz indutiva**, as categorias e problemas relevantes foram definidos a partir da leitura, organização segundo **categorias temáticas**. Neste trabalho, exploramos especificamente a **relação com o Estado**.

Roteiro semi-estruturado versava sobre três amplos conjuntos de questões:

- 1) os **impactos do governo Bolsonaro** sobre os movimentos feministas e a forma como os movimentos reagiram a esse contexto adverso;
- 2) a análise dos movimentos feministas sobre os processos políticos recentes, principalmente as mudanças da conjuntura decorrentes dos **ciclos eleitorais e aprendizados na relação com o Estado**;
- 3) as expectativas dos movimentos face ao governo **Lula 3 (2023-2026)**.

I. O “tempo da estrutura”: o tempo de um estado que viola, uma democracia inconclusa

- padrões estruturais de conformação do Estado brasileiro, em sua relação diversa com os grupos sociais, em linhas de gênero, raça e classe.

- disputas pela democracia localizadas em uma linha temporal alargada, que passa por processos históricos como a colonização e a escravidão, recuperando uma história de relação com o Estado marcada pela exclusão e pela violência.



2ª Marcha das Mulheres Indígenas, 10/09/2021 /
Alass Derivas, @derivajornalismo

*Em 30 anos de existência, foram muitos os momentos que tivemos que lidar com perseguições de defensoras, momentos de adversidade, e pouco diálogo com o Estado, exatamente porque o que a gente trabalha é uma coisa que o Estado brasileiro não quer reconhecer, que é uma **democracia inconclusa para a população negra.** (...)*

(H2 - Igualdade Racial e de Gênero)

*O governo de Bolsonaro, ele é uma consequência de toda essa invasão no Brasil, de toda essa construção que segue hoje muito conservadora ainda, né, **colonizadora, racista, que discrimina, que exclui** (...).* *Ele só é aquela pior face da masculinidade e da branquitude dos privilegiados. (C2 - Direitos Indígenas)*

*Para quem está perdido, todo mato é caminho. Então, **nós somos esse sujeito político no Brasil. Está tudo perdido para a gente.** “Ah, você não pode falar”... se matarem a gente ... a gente já está morta de outras formas. Então, Bolsonaro, ele não intimida a gente a ponto de a gente não reagir. (H4 - Igualdade Racial e de Gênero).*

Violência: conceito ampliado

A violência foi o problema que atravessou de maneira mais destacada o conjunto das 20 entrevistas que fizemos.

Branças: Problema específico (a violência que atinge as mulheres) ou **sintoma da conjuntura** (a violência que ameaça ativistas na agenda do aborto e da comunicação).

Negras, indígenas e trans: Fator estrutural, a violência estatal em um continuum com a violência socialmente tolerada, cuja forma (e crueldade) corresponde a padrões interseccionais.

Como o Estado não permite você abortar, mas ele aborta quando leva seu filho? (H4 - Igualdade Racial e de Gênero)

Então, quando um jovem negro morre, tem uma mulher que teve seu direito reprodutivo violado.” (H5 - Igualdade Racial e de Gênero)

O sistema que a gente vivia na roça, na seca, era tão violento, que ela [minha mãe] tinha que trabalhar. E ela tinha que trabalhar quando estava grávida e, portanto, sofria aborto. (J1 – Reforma Agrária)

II. O “tempo da conjuntura”: o tempo da ameaça autoritária

O avanço paulatino dos setores conservadores no Legislativo e na sociedade e a **dinâmica de contramovimento**:

*Eles assumiram uma dinâmica de **fazer política como a gente também dentro do Congresso Nacional.** (A1 - Acompanhamento Legislativo).*

Cronologia e divisores de água:

A disputa se tornou aguda já nos **primeiros mandatos de Lula (2003-2010)**, principalmente nas pautas relacionadas ao aborto.

*Essa **primeira fase do governo Lula** foi bem difícil para a gente, sabe (...). Difícil mesmo, coisas muito delicadas, assim, de recursos, de fundos... olha, foi muito complicado esse momento. (A1 - Acompanhamento Legislativo)*



Extrema-direita, eleição de Bolsonaro: fechamento à participação e violência

Fechamento à participação, limitação da pluralidade e a coalizão convergente antifeminista (Biroli, Tatagiba e Quintela, 2024):

A partir de 2017, o que eu observo é que os canais estavam interrompidos, do ponto de vista da possibilidade de articular alguma comunicação, ou um tipo de negociação. (H2 - Igualdade Racial e de Gênero)

Não se trata apenas de um Estado impermeável, mas profundamente hostil:

Quem estava lá eram os militares que (...) era quem nos batia, quem nos prendia, quem estavam doidos para fiscalizar quem era quem (J1 – Reforma Agrária).

A elaborações sobre a violência se conectam, o tempo da estrutura e o da conjuntura se apresentam imbricados:

*Fazer todo esse enfrentamento no governo Bolsonaro sem amparo nenhum do Estado foi muito difícil, porque teve muitas **lideranças que foram executadas**. (...) A gente teve que ficar mudando de casa em casa para a gente sobreviver, porque o povo vinha mesmo, vinha em cima, partia para cima da casa da gente, **invadia, executava, ameaçava os nossos familiares**. (...) aqui tem um índice muito alto de **feminicídio**, um índice muito alto de **estupro**, um índice muito alto de **racismo religioso**, de intolerância religiosa. E tudo isso mesmo a gente registrando tendo todas as provas, **o Estado nos ignorou**. (C2 - Direitos Indígenas)*

III. O “tempo da conjuntura”: as ambivalências da democracia

Quando realizamos as entrevistas, Lula acabara de ser eleito e nossas entrevistadas diziam respirar aliviadas.

Avaliação subjetiva abre-se **um novo contexto de oportunidades**.

Porém...

A atuação do PT é percebida como **ambivalente** por um campo feminista que acumula experiências, amplia-se, renova-se e se transforma.



Marcha das Mulheres Negras, Marcello Casal Jr, Agência Brasil, Brasília, 2015

A crítica aos partidos

As nossas agendas progressistas, de mulheres, feministas, LGBT, de mulheres negras, de enfrentamento ao racismo, essas agendas são muito ousadas para um partido político. (B2 – Apoio a organizações)

Nós não temos, neste momento, partidos inspiradores em lugar nenhum. Nós temos partidos extremamente limitados para o que são os nossos desafios neste momento. (F1 – Economia Feminista Anticapitalista)

Os partidos, infelizmente, para nós são os principais violadores, os principais algozes da violência política contra as mulheres. Nenhuma dessas candidatas que a gente teve, nenhuma delas passaram pelo processo sem viver violência política e existe uma resistência dos partidos à nossa presença. (G1 – Feminismo Antiproibicionista)

Os limites da participação

*A gente viu que os cargos maiores da economia, da decisão da política, não estão com as **mulheres**. (...) Quem define ou coisa assim, na Casa Civil, é um homem, no Ministério de Desenvolvimento da Agricultura Familiar [MDAF], é homem. (...) no MDAF (...) as quatro principais secretarias são todas [chefiadas por] homens (J1 – Reforma Agrária)*

*Temos otimismo, mas a gente não é ingênua, a gente acredita que é possível (...) Mas, ao mesmo tempo você anda no Congresso (...) a gente se encontra com os **homens de terno e chapéu de vaqueiro**, parece que você está em Dallas. Uma coisa que você olha e diz “gente, tem alguma coisa aí que está fora do compasso”. (...) (H2 - Igualdade Racial e de Gênero)*

*A gente comemora, mas também não comemora, porque o governo hoje ainda é muito conservador. A grande maioria hoje na Câmara, por exemplo, **os deputados são conservadores**. **A gente venceu e não venceu de alguma forma**. (...) É bem difícil porque são situações [de] vários meios ali construídos, enraizados, e brancos, feito para brancos. Então, assim, até a gente acessar, até a gente tentar que seja feito algo por nós, já foram os quatro anos do governo Lula. (C2 - Direitos Indígenas)*

A potência na participação, representação descritiva/substantiva

*Tem-se pessoas ali que são pessoas competentes, sensíveis à suas pautas, dispostas a fazer. Foi muito legal ontem passar por diferentes ministérios e encontrar uma **equipe diversa nos ministérios**, sabe?. A fila para entrada no Congresso tinha cocar, sabe, é múltiplo. (...) ontem eu saí de uma reunião dizendo “**que maravilha não precisa convencer que existe racismo no país**”, porque aí você já vai para um outro nível de conversa. (H2 - Igualdade Racial e de Gênero)*

*a gente sai de um puxadinho, do governo Bolsonaro, que estava lá numa diretoria dentro de uma secretaria global, para ter uma secretaria nacional, com uma **pessoa super capaz**, dentro de um governo completamente alinhado com o que a gente pensa sobre movimentos sociais e sobre políticas públicas (...). A primeira ação dessa secretária, qual é? É criar o Conselho Nacional LGBT, (...) Agora sim, **a gente retoma o fio da história** e aí a gente vai recontar a partir de agora (...) A gente vai ter embate (...), mas **vai ter embate agora com o governo que, pelo menos, conhece as nossas dores e compreende um pouco delas também** (I1 - Direitos de pessoas trans e travestis)*

*“a Ministra [Sonia Guajajara], **ela conhece as nossas pautas, ela conhece as nossas especificidades e ela sabe onde a gente não cabe dentro das pautas do governo.** (...) **ela sabe onde o nosso corpo sangra.** É lá que ela vai fazer os encaminhamentos. (C2 - Direitos Indígenas)*

*Eu acho que a gente teve um grande ganho no Ministério das Mulheres com a nomeação da Aparecida Gonçalves para Ministra, porque **além de ser do campo feminista** (...), **ela é uma pessoa que conhece muito bem a gestão do governo** (...). (K2 - Violência contra as mulheres)*

Esperança e cautela: da paixão à estratégia

*“talvez, em 2002 nós estávamos completamente apaixonados, apaixonadas, apaixonades... Então, é aquilo: quando você está apaixonado, você não vê um palmo adiante do nariz. **Esse amor todo, essa paixão, nesse governo, não rola. Está todo mundo muito esperto** (H3 - Igualdade Racial e de Gênero)*

*Temos otimismo porque a gente não vai cortar os pulsos né, mas ao mesmo tempo, **a gente sabe a realidade que tem.** (H2 - Igualdade Racial e de Gênero)*

*Não iríamos disputar o governo só por fora, nós também iríamos **disputar por dentro.** Vai ser um erro? Não sei. A história vai dizer se é ou não, mas nós estamos ali. Por exemplo, hoje nós temos uma secretária de participação social, que é da direção do movimento (...), que está dentro. (J1 – Reforma Agrária)*

Conclusões:

- **Seletividade do Estado e cidadania limitada:** de uma perspectiva feminista interseccional, a romantização da democracia liberal é impossível. A violência sofrida pelas mulheres trans, negras, indígenas e seus familiares explicita o funcionamento excludente e brutal do Estado como a forma “normal” da democracia no Brasil. O exercício da cidadania e o acesso ao Estado foram mais difíceis para esses grupos, mesmo em conjunturas favoráveis.
- **Estado violador, Estado garantidor:** Se o olhar de longo prazo exige reconhecer o Estado como agente violador, a luta política se faz a partir da reivindicação do Estado como agente garantidor de direitos, por meio da promoção de políticas públicas. É preciso atuar “de dentro” para transformá-lo. A **tensão entre estrutura e conjuntura** marca análises sofisticadas do processo político e dos potenciais da democracia, das estratégias políticas de interlocução e da disputa pelo Estado.
- **Identitarismo???:** As entrevistadas oferecem elaborações que combinam análises estruturais, crítica ao pluralismo ambivalente e compreensão dos desafios colocados por projetos autoritários. Para elas, é preciso disputar o Estado e **construir a democracia**, e isso não se dará sem o **protagonismo daquelas que não foram reconhecidas como pares em contextos democrático-liberais, daquelas que foram frequentemente desumanizadas enquanto as instituições democráticas seguiam seu curso “normal”**.